

# O CACHOEIRENSE

Orgão  
Independente  
Literário  
e  
Noticioso

ANO II

DIÁRIO LUCIO GUALIATO

CACHOEIRA PAULISTA (S. P.) 25 DE JANEIRO DE 1959

COLABORADORES  
DIVERSOS

NÚMERO 96

## Fatos da Semana

### O Gato Persa

II

- Cancer? Talvez... não sei. Percorreram tudo quanto foi médico, aqui e no Rio. Finalmente, resolveram tentar os Estados Unidos e depois, a Europa. Nova Iorque, Paris, Londres, Berlim... nada deu certo. Nisto vem a guerra. Estavam em Paris. Extremamente enfraquecido, o Dr. Elmano não teve coragem de voltar, mesmo porque os meios de transporte já estavam muito difíceis.

Foi, então, que resolveram refugiar-se na Suíça, único lugar em que encontraram um pouquinho de tranquilidade e onde o Dr. Elmano pôde, afinal, morrer em paz. O primeiro pensamento de D. Laís, foi, naturalmente, embalsamar o corpo e trazê-lo de volta para o Brasil. Mas a natureza da moléstia não permitia isso e, também, as viagens para cá estavam já, praticamente, impossíveis, até para os vivos.

Pensou, por isso, D. Laís, em sepultar o marido lá mesmo e, depois passada a guerra, exumá-lo e trazê-lo para cá. Mas resolveu por fim, aceitar o conselho de um dos especialistas que tratara do doente: mandou cremar o cadáver.

Teve, é verdade, que vencer, primeiramente, o seu escrupulo de católica praticante. Ela pensava assim, como você. Lembrou-se, todavia, de que o Dr. Elmano sempre, antes da doença, se manifestara a favor da cremação de cadáveres. Achava ele que tudo que fosse morto, «tudo que fosse lixo», deveria ser queimado. Era este, aliás, o único ponto em que o casal divergia. Acostumado a lidar com as ciências exatas e positivas, o Dr. Elmano não se preocupava muito com as coisas do além. Mas ia à missa com D. Laís. Depois que ficou doente, porém, o Dr. Elmano nunca mais falou no assunto.

Para recolher as cinzas do marido, D. Laís adquiriu uma urnazinha de bronze. Bonita, mas modesta, sem uma inscrição supérflua; valiosa e simples, como fora rico e modesto o Dr. Elmano.

Ficou D. Laís pela Suíça até o fim da guerra. Depois da paz, não teve coragem de voltar logo para o Brasil. Tinha receio de sentir-se muito só em sua terra, em seu ambiente. No meio de estranhos, suportaria melhor o seu drama. A mudança contínua de paisagens, de raças, de costumes e de línguas, faria com que ela ficasse assim como que um pouco afastada da realidade e não sofresse tanto. Depois, fez amizade com um grupo de americanos ricos e percorreu a Europa toda, e parte da Ásia.

Por fim, quando sentiu a dor amortecida, ou melhor, quando se acostumou com ela, no meio de tantas dores e misérias que viu naqueles países devastados, por onde andara, voltou para casa.

Não pôde trazer de lá muita coisa. Mas ainda conseguiu comprar um tapete e um gato da Pérsia.

O mundo de D. Laís iria, dali por diante, se limitar ao lar e, por isso, procurou criar um ambiente em que, alheia ao borborinho e à maldade do mundo exterior, pudesse encontrar tranquilidade de espírito e repouso para seu coração amargurado.

Logo que chegou a S. Paulo, mandou buscar na fazenda (enganai-me, quando disse que velho vendera todas as suas fazendas pois reservara uma), mandou buscar, ia dizendo, a preta Gertrudes, que lhe servira de pagem. Gertrudes era um dessas pretas fulas; fortíssima, a-

pesar dos anos, e de uma dedicação canina, sem limites. Ninguém melhor do que ela para fazer companhia a uma viuva assim jovem, sózinha e triste.

D. Laís transformou a casa toda. Mudou os móveis; mandou substituir e pintar paredes; rasgou janelas e portas. Tudo nos moldes do que vira de mais modernos nos países por onde passara as suas máguas. Só num comodo não tocou: a sala de música. Esta foi conservada como estava; nada ali pôs; nada tirou. Não, minto, só acrescentou uma coisa: a urnazinha, com as cinzas do marido, em cima do piano, bem no lugar onde ele costumava apoiar os cotovéis.

E naquela sala passava a maior parte de seus dias. D. Laís continuou a tocar piano todas as noites. Era como se estivesse presente o morto estremecido. Horas e horas diante do teclado, executando as peças prediletas do Dr. Elmano. Itava, com os olhos marejados, aquela urna silente, que lhe falava de um mundo de felicidades mortas, de recordações felizes e de saudades doloridas.

Enquanto isso, Gertrudes cochilava de um lado e Xá — o gato persa — do outro, refestelados em «gobelins» le- gítimos e macios.

Uma noite, quando D. Laís começou a tocar, Gertrudes perguntou:

— Sa Lizinha, num é mió abri a jineia? Tá tão bafado aqui qui é capais de fazé má pra sinhora.

— Pode abrir. Mas não vá deixar o Xá pular para fóra, senão ésses gatos vagabundos, que andam por aí vão judiar déle.

A noite estava quente mesmo; uma dessas noites que convidam mósca, mosquitos, bizouros e maripósas a bai- larem no ar. Tanto assim que uma dessas maripósas gor- da e brancas, de olhos vermelhos, atraída pela luz da sala, penetrou naquele recinto quasi sagrado, em que as al- mas de Beethoven, Bach e Chopin misturavam-se com o espírito do Dr. Elmano.

Quem viu o bicho foi o Xá. Deitado, molengamente, na poltrona, começou a acompanhar, com os olhos ama- relados e enormes, o vôo circular da maripósa, em torno do abajour. De vez em quando, o bicho perdia o rumo e ia bater nas vidraças ou nas paredes e resvalava para o lado do gato, que, então, lhe dava um tapinha preguiçoso e sem vontade, que nunca a atingia.

Mas, de repente, a maripósa passou mais perto, e o gato por uma bamba, acertou-lhe o tapa. O inseto caiu no chão e ficou rodopiando, com uma asa estropeada. Xá pulou da poltrona, foi até éle; cheirou-o, brincou um pouco e depois comeu-o.

Aquêle pequeno rei mimado, acostumado a papinhas de pão com leite e figado fresco moído, teve, por desfas- tado, vontade de provar a iguaria estranha, que lhe caíra do céu. Naturalmente, não gostou muito e voltou a dormir.

Algum tempo depois, uma hora ou duas, talvez senti- u-se inquieto, com as entranhas a se remexerem. Saltou da poltrona e deu umas voltas pela sala. A barriga ron- cava mais, em contrações incoercíveis. Pudéra! Para quem estava acostumado a um regime dietético tão perfeito, prescrito por veterinário de renome, a maripósa gorduro- sa teria que ser um cnérgico purgante...

— Já prevejo o que ocoiteceu. E D. Laís?

— Não precisa prever nada, pois já não dei, clara- mente, a entender? O gato não teve nem tempo de miar grossa e soturnamente, como costumava fazer, quando queria «ir lá fóra»; aliviou-se ali mesmo, sobre o tapete vindo de sua terra, caríssimo, enquanto Gertrudes cochila- va e D. Laís ia em meio do «Rêve d'Amour».

E o cheiro que se expandiu, no ambiente, foi mais forte que o encantamento da melodia de Liszt. D. Laís voltou à terra:

— Nossa Senhora; Gertrudes, veja o que o gato fez, Gertrudes! Trate de limpar essa porcaria depressa. Que

Continua na 4.a página

## De Literatura

Adail Pereira Ribeiro.

Lembra-me, ao abordar o tema de hoje, o livro de Eça de Queiroz. De um lado, a ci- vilização, com seu conforto, com seus modismos, com o ideal do «homem como centro de tudo» e todas as coisas gi- rando, para apresentar benefi- ciosos ao homem.

Em certo trecho da obra há um peixe que desce para a mesa do banquete por um pe- queno elevador, cousa que Eça de Queiroz, com seu requi- te de bon vivant considera a oitava maravilha do conforto.

Os americanos nesse capítu- lo tomaram a dianteira. Cons- truíram uma Civilização para o homem. A técnica nos deu o máximo. Dormimos em col- chões de mola, temos geladei- ras, temos ar refrigerado, a bridade de lata calçadeiras de sapato, luz fluorescente etc.

Do outro lado, a Natureza exuberante, mas sem o con- forto.

Grandes manhãs de só oca- sos de ouro o murmurar dos regatos, o azul do céu, as nu-vens, como cisnes navegando no mar de crepusculo.

Os vagalumes encantados, o perfil rendilhado das mon- tanhas, as aranhas, os carra- patos, as cobras, o des- nível do solo com seus bura- cos, os borraçudos, etc.

Como diz Geny, de um la- do, o «donné», do outro o cons- truit.

Uns filósofos gabam a Na- tureza, como Rousseau, outros elogiam a Razão Pura, como Kant.

Eu creio que o ideal é ain- da o meio termo, o anacroni- co, o obsoleto meio termo.

Morar na cidade e passar fins de semana em contacto com a «Vis Naturae medica- trix», para restaurarmos as energias perdidas na luta pela vida!

Leiam na 3.a página

«O pecuarista Leiteiro,

como Bode Expiatorio»

Transcrito do Boletim

Informativo da Coopera- tiva de Guaratinguetá.

A Cerâmica de Cachoeira Já recebeu  
Cimento Perús (novinho)

**Supergaz**

O melhor gás, pelo menor preço

Agora, nesta época, com fogões, rápidos, e a domicílio

Louças, Porelanas, Cristais, Material elétrico em geral, Alumínio, Roldões, Rádios, Artigos domésticos, Máquinas de costura, Artigos para presentes, etc.

**REPRESENTANTE EXCLUSIVO DE SUPERGAZ**

Faca seu pedido pelo fone. 159, e pague somente Cr\$ 255,00

Rua Prefeito Antonio Mendes, 81 Fone 159  
Cachoeira Paulista Estado de São Paulo

**O Cachoeirensense**

Diretor respons.: Lucio Guadillo  
Diretor-Gerente: José Guadillo  
Colaboradores diversos.  
Propriedade da Gráfica Pedro II  
Redação e Oficina:  
Rua Prof. Antonio Mendes, 89-Tel. 157

**EXPEDIENTE**

12 meses Cr\$ 80,00  
6 " " " 40,00  
3 " " " 20,00  
Número avulso 5,00  
Anúncios a combinar

**PHILIPS SEMP Mullard**

**TV?**

O máximo em televisão  
As figuras parecem reais, tal a nitidez

Revendedores nesta cidade

**E. T. Cruz**  
Rua Dr. Bernardino de Campos n. 539

**Não entendemos bem**

Por **Saemes Yolo**

Aproximadamente o Carnaval. Os foliões prepararam-se, ativamente para os três dias de reinado de Momo. Serão, ou pelo menos deverão ser, três dias (talvez quatro), em que o povo se divertirá profundamente, dando vazão a todo o requeijo que acumulou durante o ano.

Naturalmente, nem todos concordam comigo. Muitos consideram que o Carnaval é a festa da orgia, das loucuras sem fim. Nem sempre porém. Se gubiosos existissem estes são naturais, em qualquer festa em qualquer comemoração. Se no Carnaval eles são maiores, é porque frutos do entusiasmo e da jovialidade, toma conta do espírito de todos os foliões. Finalmente, se o Carnaval faz mal para alguns, para a maioria produz um bem. Se não corporal, pelo menos espiritual.

E, conforme já acentuei, a válvula de escape a tantos quantos vivem preocupados durante todo o correr do ano. Assim, o Carnaval não pode acabar. Deve, pelo contrário, ser incentivado. Se quiserem, a esse incentivo deve-se fazer acompanhar uma campanha de amoralização, ou por outra, de esclarecimentos: a fim de que sejam evitados os abusos que existem sempre.

Desse princípio, dê-se ponto de vista que esposo e que expus acima, parte minha estranheza, quando sei que há meras dificuldades vêm sendo encontradas pelos foliões da terra que tentam organizar os próximos folguedos.

Confesso que não entendi bem. O Carnaval, em nossa terra, vem de uns tempos a esta parte, destacando-se pe-

lo seu brilhantismo, e por isso mesmo, vem ganhando nome. Muita gente ali para aqui nesta época. Entretanto, do que só acontecer em outros lugares, negamos a colaborar, nossas entidades oficiais, a própria administração da cidade, fazem ouvidos moucos aos apelos dos foliões. Assim, no Rio de Janeiro e em Recife, incentiva-se o Carnaval, porque é a fonte de renda; pois atrai os turistas constituindo-se, dessa forma, em ótimo veículo de propaganda. Em Cachoeira, não: o Carnaval aqui há de ser feito a duras penas. Se der, deu, se não deu desse.

Senhores, o pior bego é o que não quer ver. Nossa terra precisa — e ninguém discorda disso — de renda. De propaganda. De alguma coisa que nos seja peculiar e capaz de atrair os olhares curiosos dos forasteiros. De algo que esteja em nós mesmos. Pois bem: já revelou, o cachoeirensense, pendores para as foliões de Momo. Temos aí, apenas para citar um exemplo, a Escola de Samba do Zé do Evaristo, cuja presença já se tornou obrigatória não somente aqui como em várias outras cidades do Vale.

Entretanto, quando o Zé procura apoio para sua iniciativa, que acontece? Todos fogem, alegando várias coisas: a própria Prefeitura, que deveria ser a principal subvencionadora e o próprio comércio que poderia cooperar com boa parcela, fazem-se ausente.

Mas quem lucrará com o Carnaval? O Zé, que colocará a Escola na rua, e que fará seus sambistas e suas cabrochas desfilar em passos coreográficos que somente ele sabe fazer? Ou a Prefeitura, que conseguirá, assim, atrair para aqui os olhares

curiosos de tantos quantos desejam tomar contacto com a festa que nos é peculiar? Ou o próprio povo que poderá dar vazão à sua alegria?

Não, senhores, não entendemos bem. Por mais que raciocinemos não conseguimos pensar em outros termos. Será que ficaríamos sempre desejando usufruir vantagens, sem nada recebermos?

Não seria tempo de concluirmos que invertendo algum capital, poderemos recebê-lo com juros?

**Calendário Religioso**

- Orvaldo Freitas**
- Dia 8 — S. Luciano, Santo Apolinário, S. Severino, bispo de Nápoles, e outro S. Severino, abade em Nôrica.
  - Dia 9 — S. Julião e santa Basílica, mártires, e S. Pedro de Sebaste.
  - Dia 10 — S. Nicanor, diácono, Santo Agatã, papa, S. Guilherme, bispo belga.
  - Dia 11 — Festa da Sagrada Família aquela que deve servir de modelo para todos nós: oração, trabalho, despendimento, obediência, concordância, simplicidade. Dia também de Santo Higinio, papa e mártir.
  - Dia 12 — S. Bento, abade inglês, e Santa Teóciana, mártir.
  - Dia 13 — S. Leônico, bispo e S. Gumercindo, sacerdote.
  - Dia 14 — Santo Hilário, bispo e doutor da Igreja; S. Malaquias, profeta do Antigo Testamento.
  - Dia 15 — S. Paulo Eremita, Santo Amaro, discípulo de S. Bento, e os santos profetas Habacuque e Miquéias, do Velho Testamento.
  - Dia 16 — S. Marcelo I, papa e mártir, Santa Priscila, e dois santos de nome Honorato (um, bispo francês, o outro, abade italiano).
  - Dia 17 — Santo Antão, abade, e os santos mártires trígêmios: Eleusipo, Espeusipo e Melesipo.
  - Dia 18 — Festa da Cadeira de S. Pedro em Roma. O túmulo de S. Pedro foi reconstruído pelo Papa Pio XII, sob a Basílica de S. Pedro, após demoradas pesquisas arqueológicas, comprovando-se assim a legitimidade daquela celebração militense, da Cadeira de S. Pedro em Roma.
  - Dia 19 — S. Ponciano, mártir.

Dia 20 — S. Sebastião, oficial romano, morto a flechadas por causa de sua fé cristã. No mesmo dia, S. Fabião, papa e mártir.

Dia 21 — Santa Inês, virgem e mártir.

Dia 22 — S. Vicente, mártir espanhol (séc. 4.º) e Santo Anastácio, mártir persa (séc. 7.º). Anastácio era filho de um leiteiro, mas, por curiosidade, quis conhecer a religião católica; conheceu, amou-a e abraçou a verdadeira fé, pela qual deu a vida.

Dia 23 — S. Raimundo de Penhalvor, dominicano espanhol (séc. 13.) e S. João Estomero, bispo de Alexandria, Egito, séc. 7.º.

Dia 24 — S. Timóteo, discípulo muito elogiado por S. Paulo.

Dia 25 — Conversão de S. Paulo, na estrada de Damasco. «Saul, Saul, por que me persegues?» Ao ouvir essa voz misteriosa, Saul tombou do cavalo e, dentro em pouco, deixou de ser o cruel perseguidor dos cristãos e passou a ser Paulo, o grande apóstolo do cristianismo.

Para nosso Estado de S. Paulo a data de hoje é de grande importância, por ter sido a da fundação da cidade de S. Paulo, há 405 anos, quando a Igreja Católica, na pessoa de Anchieta, deu início à civilização no Planalto de Piratininga. E há quem chame de atrasada a essa Igreja, semeadora de escolas.

Dia 26 — S. Polícarpo, bispo de Esmirna (Túrcia, séc. 2.º), mártir; e Santa Paula, viúva (séc. 5.º).

Dia 27 — S. João Crisóstomo, Bispo, grande pregador (Crisóstomo quer dizer Boca de Ouro), doutor da Igreja (séc. 5.º).

**Trio Insuperável**

**Seiva Capilar**

Único Produto que tem a ser Oleo bom Lóção Torna os cabelos brancos a cor Primitiva com a naturalidade da juventude.

**Água Antisséptica**

Na Toilette do homem, e da mulher, para após a barba e na limpeza da pele, combate as irritações assaduras, brotoejas, e qualquer irritação da pele.

**Patrolon Fixador**

Elimina a caspa e a queda do cabelo, dando ao penteado, uma elegância incomparável.

**Certificado Perdido**

O Sr. Moacir Antunes da Silva, comissário que perdeu o certificado n.º 153-875, de seu caminhão mercantil internacional S. 160 cor verde claro marfim 140 H P 6 Cil. Chapa 38 2968, ano 1957.

**VENDE-SE**

Uma casa de construção nova com seis cômodos sendo quatro cômodos forjados de estuque, com duas entradas, situada à Rua Pinto Fernandes n.º 206.

Preço Cr\$ 200.000,00, com facilidades no pagamento. Tratar à Rua Marechal Deodoro n.º 59.

**Terreno a Venda**

Vende-se um terreno com 21 metros de frente, situado no centro da cidade, à Rua Marechal Deodoro, junto ao prédio do Correio.

Carta para Ana Barboza  
Rua 29 de Outubro, 1-46  
Bauru — Estado de São Paulo

**Cerâmica São Caetano S. A.**  
Telhas, Tijolos Prensados, Ladrilhos,  
Rodapés, Cantos e Litocerâmica.

Embeleza sua residência com os modernos produtos São Caetano, comprando diretamente da fábrica por intermédio de

**CASA LARA**  
Distribuidora autorizada para esta praça.  
AV. CONS. RODRIGUES ALVES, 105 — TEL. 331  
Procure conhecer nosso mostruário.

**O Pecuárta leiteiro, como bode expiatorio**  
**Hilton Dias Werneck**  
*Transcrito do Boletim informativo da Cooperativa de Guarátinguá.*

Em recente convenio assinado no Sindicato de Laticínios do Estado de São Paulo, varias industrias de laticínios resolveram baixar o preço do leite para o produtor, na razão de Cr\$ 0,70 por litro, sob a alegação de que lhes é impossível continuarem explorando seu negocio, em virtude da majoração dos materiais utilizados em suas industrias, incluindo-se alem disso o recente aumento do salario mínimo, e do imposto de vendas e consignações que de 3,125 passou para 4,8%.

Desse convenio não participou a Cooperativa Central de Laticínios do Estado de São Paulo, que, acertadamente, se recusou a assina-lo, pois, em verdade, tanto as Regionaes como aquela Central, não comem leite e sim recebem-no dos seus associados e distribuem a estes, o preço apurado na venda do produto, em São Paulo.

Ao que sabemos a Diretoria da Cooperativa Central propôs na citada reunião, que se fizesse um corte na quota dos produtores de leite, em proporção a atual sobre desse produto, que não esta sendo consumida, o que, não foi aceite, preferindo-se a resolução que de fato, foi tomada, representando um verdadeiro esbulho a economia do produtor de leite.

Que alegam os signatarios da circular distribuída aos se-

us fornecedores de leite? Aumento de impostos, aumento do salario mínimo, aumento das utilidades necessarias ao funcionamento de suas industrias etc.

Não tem os produtores de leite arcaado com os mesmos onus?

Si existem sobras de leite, não negamos as industrias de laticínios o direito de entrar em acordo com seus fornecedores no sentido de cortar suas quotas e isto até o Convenio de Quotas, assinado em 20 de junho de 1950, prevê esse caso.

Mas o que acho um esbulho é, sem o conhecimento dos produtores e drasticamente cortar em Cr\$ 0,70 por litro sobre toda a quota o que fazendo-se as contas poderá agora até passar a dar lucro bem razoavel a essas mesmas industrias.

Mais uma vez se constata que o produtor de leite continúa sendo o bode expiatorio e todas as desgraças sempre recaem sobre ele. Ainda recentemente se fez um tabelamento unilateral dos generos de primeira necessidade, cujas consequencias irão fatalmente recair sobre os agricultores.

Dia chegará em que os produtores cansados de sofrer com a demagogia dos governos e a exploração dos intermediarios, deixarão de se interessar de suas ativi-

dades e então queremos ver como se sustentará as industrias e o comercio, cujas bases estão apoiadas na agricultura.

Tomem nota, Srs. Produtores de leite, cooperados ou não, do que está acontecendo agora com o leite. Vejam bem como vivem as industrias que nas horas faceis, vivem a oferecer vantagens aos ingenhos e aos mais gananciosos que só vêm seus interesses pessoais e esquecem que na nossa profissão, sozinhos não valem nada.

É bem oportuno e agora podem constatar que o unico caminho a seguir no ramo de atividades que abraçaram é o Cooperativismo. Dentro de sua doutrina não há lugar para aproveitadores e o associado recebe o preço justo pela medida certa.

Dentro do cooperativismo resolvemos nós os nossos problemas e não estamos a merce daqueles que não sabem perder um pouco, como acontece com essas industrias do leite.

Não tem por acaso os produtores de leite dado exemplo de sobejo, trocando cebola ou perdendo dinheiro no malhadado negocio do leite, esperando meses a fio que a Dona Copap resolve-se dignar estudar e resolver o reajustamento do preço desse produto, que, quando sae já não está mais atualizado em virtude da alta constante e vertiginosa dos preços das utilidades agropedúrias.

Que sirva de lição ao pecuarista o que está acontecendo e mostre aqueles que ainda não são cooperativistas que o unico meio de sobrevivencia da pecuaria leiteira é o associativismo.

Dentro de uma Cooperativa somos donos do negocio.

Fora dela, sem espírito de associação, com mentalidade egoísta e individualista, de querer conseguir ver realizado seu proprio interesse, estarão sempre os leiteiros á merce da ganancia dos industrias que nenhuma consideração tem para com o produtor vindo nele sempre um meio para obterem um fim.

Os industrias desempenham seu papel de mercenários e estão certos. Nós pecuaristas, principalmente os

**Banco Ribeiro Junqueira S.A.**  
CORRESPONDENTE DO BANCO DO BRASIL S/A

Uma completa organização bancária, ás suas ordens, com uma vasta rede de agências espalhadas pelos Estados de Rio, Minas Gerais, São Paulo, Espírito Santo e Distrito Federal.

Faça o seu dinheiro render mais, depositando-o no Banco Ribeiro Junqueira, além da sólida garantia que esta casa lhe oferece

**Juros especiais para Depósitos a Prazo Fixo**

Rua Prefeito Antonio Mendes, 95 — Fone 160  
Cachoeira Paulista - S. P.

que não são cooperados, somos os proprios culpados, porque si houvesse compreensão todo o negocio do leite estaria na mão de uma só Cooperativa. Com isso deixariam de haver competições estereis no campo comercial e não haveria luta entre industrial e produtor.

Tomem nota, Srs. Pecuárta, e tirem proveito desta lição para que um dia, deixemos de ser os bodes expiatorios.

**50 em 5!**

Oswaldo Freitas.

31 de dezembro, data ideal para balanços; e O Globo o deu, não so no ano então findante, mas nos 3 anos de governo de J.K. o grande vespertino carioca e da oposição e, como tal, não podia deixar de fazer criticas ao governo, mas não deixou de apresentar atenuantes para aquilo que lhe pareceram faltas, deixando também de elojiar os evidentes acertos de J.K.

Uma das maiores criticas foi ao regime andejo inaugurado por Juscelino. «Em qualquer pais do mundo afora as saídas obrigatorias, o Chefe do Estado permanece em sua cadeira, velando pelos governados», disse o sísido vespertino. No entanto, aqui mesmo no Brasil já tivemos um governo da simpatia de O Globo, que aproveitou os poucos meses de poder para andanças ate pelo estrangeiro (Bolívia e Portugal) usando para isso não «uma frota de aviões de alto luxo» e preço, como é acusado de usar o atual presidente mas movimentando o navio caítanea de nossa frota de guerra, com absurda despesa de dolares ao cambio 13 para toda a felicissima tripulação.

Qualquer um de nos esta lembrado da caríssima viagem de Cafe Filho a Portugal, mais cara ela so do que todas as viagens aereas de J. K. E os beneficios daquela peregrinação a Lusitanea? Cafe Filho aceitou-la e quiz impingir-nos ca uma ortografia estrambotica, na qual voltavamos a era das letras mudas e de outras velharias que podem soar muito «bôim» la entre os lusos, mas não ca no Brasil.

O gastronomico Cafe Filho apreciou tanto a bealhoáda portuguesa que chegou a votar a lei do Congresso que repudiava o absurdo acordo ortografico de 1945. Felizmente o Congresso pos abaixo o veto e, como saldo positivo para o Brasil, de toda aquela dependiosa viagem ficou apenas o agravamento da doença das coronárias do Sr. Café, doença de que muito se beneficiou e pais nos dias de novembro de 1955...

Sr. Presidente Juscelino, continui a viajar, continui a atadigar se por nós, pois o fruto dessas inspecções aquitinas é justamente aquele que nem o grande órgão da oposição pode encobrir e teve de reconhecer; depois de elojiar a insenção do governo federal nas eleições de 3 outubro, e as suas realizações no setor da eletrificação, no das comunicações e no das industrias assim como a colocação em termos corajosos da politica internacional (Operação Pan Americana), o diário das multidoes pos, espontaneamente, este fecho de ouro em seu artigo de primeira página do 31 de dezembro: «As Gerações Vindouras hão ce Louvar o Presente Esforço para Acelerar o Progresso Brasileiro com dos mais Efetivos e Necessários».

Continua na 4.a página

**Cooperativa de Crédito Agrícola de Valparaíba**  
BANCO COOPERATIVO

Depositem suas economias nesse estabelecimento e façam seus pagamentos por cheques, sem despêsas, mesmo para outras cidades.

**O POPULAR "BANQUINHO"**  
É o que paga os melhores juros da praça.

SEDE PRÓPRIA:  
Rua Bernardino de Campos, 54 — Telefone 115  
Cachoeira Paulista Estado São Paulo

**«Sul América Capitalização, S. A.»**  
Aviso Importante

Tendo o Sr. Geraldo Porto Gomes se exonerado das funções de Agente Produtor Cobrador nesta cidade, a Companhia comunica aos senhores portadores que em sua substituição foi nomeado o Sr. Joaquim Monteiro da Silva, residente à rua José Porto Filho n.º 346, nesta cidade.

## Notas & Sociais

### Aniversários

Dia 25 — srna. Milady Ferretti esposa do sr. Frederico Ferretti, proprietário, gerente do Cine Independência de nossa cidade;

Dia 28 — Sra. Maria José de Almeida Lima, esposa do sr. Benedito Correa Lima; sr. Antonio José Vieira e sua filha Wanda Lucia;

Dia 30 — o jovem Darcy Rodrigues da Silva, srna Ivete Rossetti, filha do sr. Francisco Rossetti, a menina Celuta Silva, filha do sr. Alcides Silva, o menino Ronaldo, filho do sr. Pedro Nogueira Escobar;

Dia 31 — srta. professora Euzanete Gomes, filha da srta. Alexandrina Theodoro, srta. professora Diná Therezinha filha do sr. Aurelino M. Ferreira, a menina Ana Maria filha do sr. Natal Quintana.

### Nascimento

Desde o dia 3 do corrente mes no Rio de Janeiro o lar do sr. Jairo Rangel Pacheco e srna. Iracy Machado Pacheco esta completamente enriquecido com o nascimento de uma linda menina, a qual recebera na pia batismal, o nome de Valéria

«O Cachoeirense» cumprimenta aos felizes pais e deseja à recém nascida muitas felicidades.

### Falecimento

A 10 de janeiro, faleceu em São Paulo o sr. Antonio Pereira Lopes mestre de linha de classe, aposentado da E.F.C.B. Era muito estimado pelos seus chefes engenheiros e companheiros de serviços e que o achavam um funcionário competente e de alta personalidade.

O extinto cumpriu sua missão na terra, observando todos os preceitos recomendados por Jesus.

Deixa viúva srna. Maria Jose Lopes e os filhos: Maria Olívia Lopes Fernandes, casada com o sr. Jose Pinto Fernandes, residente nesta cidade, Maria Ines Lopes de Oliveira, casada com o sr. Agripino de Oliveira e Abilio Antonio Lopes, casado com a srna. Maria Viviane Lopes, residentes em São Paulo e numerosos netos e bisnetos.

A família enlutada as nossas sentidas condolencias.

### Missa de 30º dia

A família de Antonio Vieira Gomes convidam os parentes e amigos para a missa de 30º dia, a realizar-se na Capela de São José na Santa Casa, no dia 28 do mes corrente as 7 hs.

Desde ja a família do saudoso chefe de família agradece profundamente.

### Festa de S. Sebastião

Realizou-se terça-feira, última, dia 20, com os atos religiosos do costume a tradicional festa de S. Sebastião. Houve bastante animação, grande comparecimento dos fieis, e os leilões renderam apreciável importância.

A entrada da procissão, falou S. Revma. o orador Cônego Fernando Sales da Silveira, coadjutor da nossa paróquia.

A vida do mártir, mereceu nas palavras do levita, a consagração que purpura as pedregas dos bravos e dos herois.

Foram festeiros este ano: Srna. Maria Helena Pinto Alves.

Srna. Rita Antunes Jacob Sr. Germano Rainer Filho. Para o ano vindouro foram nomeados:

Srna Benedita dos Santos Mendonça

Srta Therezinha dos Santos Cunha

Sr Sebastião Ribeiro de Mendonça.

Sr. Jair Palmeira Guimarães.

Uma noticia que a todos deve agradar; ainda este ano esperamos ter um grande impulso de adiantamento nas obras da igreja de São Sebastião, bem como assim o término do forro que será uma maravilha depois revestida as suas paredes, pintadas, colocação dos lustres, e ainda o seu piso que também naturalmente será uma novidade.

Os responsáveis têm em mira dar mais estes avanços em tal ordem, que por certo nos aproximará do dia da inauguração para gaudio do nosso povo e maior júbilo e merito de Monsenhor Dagoberto o fundador e construtor do novo templo.

### Casamento

Realiza-se hoje, na Catedral de Nossa Senhora Aparecida, as 14 horas e 30 minutos o enlace matrimonial do jovem Jair Pinto Barbosa, filho do casal sr. João Pinto Barbosa e srna. Adelaide Marques Barbosa, com a srna. Almey Monteiro, filha do casal sr. Antonio Monteiro da Silva e srna. Ramira da Silva Siqueira.

«O Cachoeirense» cumprimenta aos distintos noivos, desejando-lhes felicidades.

### Mudanças

Transferiu sua residência para a capital paulista nos primeiros dias da semana finda, a estimada srna. Benedita Fortes Porto e família. Lamentando sua ausencia, desejamos felicidades à Dona Piuta, em sua nova residência na rua Safira n.º 63, no bairro d'Aclit. — v. —

Também já encontram-se em sua nova residência o farmacêutico sr. Alfredo Rodrigues da Silva e família, situada à rua Prefeito Antonio Mendes n.º 22.

O «Cachoeirense» deseja-

lhes felicidades.

### Matriculas

A partir do dia 1.º de Fevereiro estarão abertas as matriculas e renovações de matriculas para o jardim de Infancia Nossa Senhora das Graças da Santa Casa.

Horário das 15 ás 17 horas.

### Cine independência

A nova firma desta casa de diversões da qual faz parte o Sr. Frederico Ferretti reformou por completo o salão de projeções, oferecendo ao publico toda a comodidade visível. No piso ingreme, as poltronas foram dispostas de tal forma que o espectador do domínio completo do palco ou da tela.

O montante do despendio não foi pequeno e só mesmo a boa vontade da nova firma podia idealizar e ultimar tão importante trabalho.

### Declaração

Declaro que foi extraviado o certificado de propriedade n.º 53492, expedido pela Delegacia de Policia de Cachoeira Paulista, em 11 fevereiro 1956, referente a motocicleta marca «Lambreta» ano de 1955, motor n.º 20.961, tipo 15C — D, de minha propriedade.

L. A. Schubert.

Declaro que foi extraviado o certificado de propriedade n.º 268.552, expedido pela Delegacia de Policia de Cachoeira Paulista, em 14 novembro 1958 referente ao jipe (jeep) marca «DKW—Vemag», ano de 1958, motor n.º 06.306.383, de minha propriedade.

Leopoldo A. Schubert

Eu, Célia Fontes do Livramento Oficial Maior do Registro Civil das Pessoas Naturais e Anexos Distrito Municipio Comarca de Cachoeira Paulista.

Faço saber que pretendem se casar e apresentaram os documentos exigidos pelo art. 180, ns. 1, 2, 3, e 4 do Codigo Civil:— Joaquim Correia e Do na Izabel Ferreira sendo. o pretendente:— nascido em Silveiras desta Comarca aos 14 de Fevereiro de 1938 lavradores solteiro domiciliado e residente neste Municipio filho de Benedito Correia de Souza e de D'ª Anna Ribeiro Mendes e a pretendente:— nascida em Alvares Machado deste Estado aos 24 de Agosto de 1.942 domestica solteira domiciliada e residente neste Municipio filha de Sebastião José Ferreira e de D'ª Augusta Justina da Silva

Si algum souber de algum impedimento, oponha-o na forma da lei. Lavro o presente para ser afixado em cartorio e publicado pela imprensa local no jornal «O Cachoeirense» Cachoeira Paulista, 19 de Janeiro de 1959

O Oficial Maior  
Célia Fontes do Livramento

### 50 em 5

Continuação da 3ª pagina  
E O Globo não é voz isolada entre os órgãos da oposição. Também a revista Visão, em seu último número, de 9 de Janeiro, faz coro nos e logios. De fato pode ser que JK não nos dê os 50 em 5, mas, no balanço final estaremos muito mais perto dos 50 do que dos 5. E a própria oposição quem já o começa a reconhecer.

### Pela política

Conscente publicação em nosso ultimo numero o professor Agostinho Ramos lançou sua candidatura ao cargo de prefeito nas proximas eleições.

### Viajantes

Acompanhados de seu progenitor estão de viagem pelo Sul de Minas e Varginhas, as professoras, Alaide e Guilhermina Ramos.

As Senhorinhas, Doutora Teresinha Gomes Maria de Lourdes Ramos, estão viajando pelo Sul do país visitando: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

### «O Cachoeirense»

Nossa filha é necessária ao meio onde circula.  
Um sacrificio é fazer um jornal no interior!

Leitor amigo — nós vos esperamos com o pagamento da vossa assinatura.

Vinde até nós. Por que esse retardamento?

## O Gato Persa

Continuação da 1ª pagina

coisa horrível, meu Deus!

Saiu correndo da sala.

Gertrudes, como contei, viera da fazenda. Lá havia muitos gatos e cachorros que, também, de vez em quando, faziam das suas, dentro de casa. Para facilitar a limpeza, D. Eudóxia — a falecida mãe de D. Laís — mandara arranjar um caixotinho, no canto da sala, onde guardava areia, misturada com cinza, que Gertrudes depositava sobre os excrementos.

E Gertrudes — que até então não nunca tratara de perguntar a D. Laís para que serviam aquelas cinzas do potinho bonito de cima do piano, tirou uma conclusão rápida e brilhante: era para aquilo. Pois, na cidade, numa casa tão «chique», não «havêra» de ficar bem no caixãozinho na sala. Por isso arranjaram aquela «caixinha tão bonita».

E não conversou: pegou a urna e despejou as venéreas cinzas do Dr. Elmano sobre a porcaria do gato.

— E D. Laís?

— D. Laís? D. Laís quasi morreu com o choque, quando Gertrudes lhe disse que podia voltar para a sala, porque já havia «butado a cinza por riba do sujo e alinhado tudo».

— Mas que cinza, Gertrudes do céu? — gritou D. Laís.

— Uai, gente! a do potinho de riba do piano. Num era pra po?

Foi aí que D. Laís desmaiou. Aos gritos desesperados da negra, acorreram vizinhos e chamaram o médico.

A pobre viuvinha, é claro, não teve nada, além do desgosto. Este, porem, foi grande demais. Trancou-se a moça no quarto e ali ficou meses, como que abobada, alheia a tudo. Não recebia ninguém. Somente Gertrudes ali penetrava, pois D. Laís — como era boa e compreensiva D. Laís! — afeitou de coração aberto o engano e a lamuriosa justificava a preta velha.

E passou o Inverno e veio a Primavera. Os jardins da casa floresciam.

Gertrudes, um dia em que o sol parecia brilhar mais e as flores estavam mais coloridas, não se conteve:

— Sa Lizinha, pur amô di Deus, num fica aí tão triste, se definhando. Vem vê o jardim como tá bonito! Vem vê as rosa como tão viçosa. Aqui memo, debaixo da jilnela tem umas qui é uma beleza! Vem ve, Sa Lizinha!

D. Laís, mais por pena da negra que por vontade, acabou cedendo. Levantou se, pálida e cambaleante, e chegou à janela.

E bem ali perto, em uma roseira robusta, mas que nunca dera flores — justamente ao pé da qual Gertrudes despejara a mistura das cinzas do Dr. Elmano com o adubo do gato — viu, esplendendo, à luz do sol duas enormes rosas vermelhas...

E pense agora, meu amigo, veja se eu não tenho razão: enquanto todo o corpo do Dr. Elmano, todo ele, note bem, não voltou à terra, de onde veio, não se completara o ciclo fatal da natureza. Agora, reintegrado em seu elemento original, transmudara-se naquelas flores.

— Bonito! Muito Bonito! Mas teria sido mesmo as cinzas que fertilizaram a roseira, ou teria sido o adubo do gato? Fico nessa dúvida. De uma coisa, porém, estou certo: a outra parte do Dr. Elmano, aquela que ficou, volatilizada, nos ares da guilça, já se reintegrara na natureza, há muito mais tempo.

E ainda há de estar por lá, corando as faces de uma bela tiroleza, ou compondo as pétalas de uma «edelweiss», numa grimpá dos Alpes.